

## **Teatro de Reprise Telepresencial em tempos de COVID 19**

### **Telepresencial Reprise Theater in COVID 19 times**

## **Teatro de Reprise Telepresencial em tempos de COVID 19**

Rosane Rodrigues<sup>1,2</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-2562-8107>

Eduardo Tessari Coutinho<sup>1,3</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-6254-9475>

Janaína Cristina Barêa<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-5714-5751>

Alexandre de Oliveira e Aguiar<sup>1,4</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-3413-064X>

1 Grupo Improvise

2 Instituto Sedes Sapientiae, Departamento de Psicodrama

3 Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Artes Cênicas

4 Invento Consultoria Treinamento e Serviços

**Resumo:** Em tempos de quarentena da COVID 19 é essencial explorar ferramentas para enfrentar os desafios psicossociais provocados pelo isolamento e novas rotinas, além de buscar formas de satisfazer as necessidades de encontro, aproveitando recursos tecnológicos. O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir uma adaptação do Teatro de Reprise com recursos de telepresença. O método do desenvolvimento foi o da pesquisa-ação. A intervenção específica foi iniciativa de um grupo de usuários de um centro cultural, em que se realizam Psicodramas Públicos presenciais regularmente. A partir do ponto de vista do psicodrama, esse trabalho discute as implicações e possibilidades do uso de uma plataforma tecnológica, os papéis das pessoas envolvidas e a possibilidade de novas sociometrias, em uma intervenção.

**Palavras-chave:** COVID-19; Psicodrama público; Grupo; Teatro de Reprise; Online

**ABSTRACT:** In times of quarantine due to COVID 19 it is essential to explore tools to face the psychosocial challenges caused by isolation and new routines. It is also essential to seek

ways for meeting the needs of getting together, taking advantage of technological resources. The objective of this work is to present and discuss an adaptation of the Reprise Theater with telepresence resources. The used method was action research. The specific intervention was an initiative by a group of users of a cultural center, in which face-to-face Public Psychodramas are performed regularly. Starting from the psychodrama perspective, this paper discusses the implications and possibilities of using a technological platform, the roles of the people involved and the possibility of new sociometries, in an intervention.

**Keywords:** Public psychodrama, Group, Reprise Theatre, online

**RESUMEN:** En tiempos de cuarentena de COVID 19 es esencial explorar herramientas para afrontar los retos psicosociales causados por el aislamiento y las nuevas rutinas, además de buscar formas de satisfacer las necesidades por encuentro, aprovechando los recursos tecnológicos. El objetivo de este trabajo es presentar y discutir una adaptación del Teatro de Reprise con recursos de telepresencia. El método de desarrollo fue la investigación-acción. La intervención específica ocurrió por iniciativa de un grupo de usuarios de un centro cultural, en que se realizan regularmente psicodramas públicos presenciales. Desde el punto de vista del psicodrama, este documento analiza las implicaciones y posibilidades de utilizar una plataforma tecnológica, las funciones de las personas involucradas y la posibilidad de nuevas sociometrías, en una intervención.

**Palabras-clave:** psicodrama publico, grupo, Teatro de Reprise, en línea

## **INTRODUÇÃO**

Em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde caracterizou a epidemia de COVID-19 como uma pandemia. Como consequência a maioria dos países passou a implantar

medidas de distanciamento social, em vários níveis e modalidades, visando limitar a transmissão do vírus e evitar o colapso em seus sistemas de saúde.

Vale esclarecer que distanciamento social é caracterizado como medida para redução da disseminação do contágio; Isolamento social refere-se à medida de segurança para pessoas que apresentam sintomas com ou não confirmação de contágio; Quarentena trata-se da medida que deve ser tomada caso tenha tido contato com pessoa contaminada ou com sintomas. Como esse relato apresenta uma intervenção realizada na cidade de São Paulo, epicentro da epidemia no Brasil, as medidas de distanciamento aqui referidas serão compreendidas como quarentena, devido ao grande número de casos suspeitos e confirmados na cidade.

As ações tomadas de maneira geral implicaram em mudanças importantes no dia-a-dia das pessoas. Isso incluiu temas como ficar em casa o máximo possível, fechamento temporário de escolas, de diversos tipos de comércios e outros negócios não-essenciais, e em outros casos realização de trabalhos a distância ou entrega de produtos nas modalidades de *delivery* ou *take away*. Do ponto de vista político, as reações das pessoas são diversas, e incluíram, por exemplo, a defesa veemente ou a crítica contumaz às medidas de distanciamento social. De outro lado, surge o contato diário com a necessidade de lidar com o risco, com a morte (real ou potencial), com a solidão e com a solidariedade.

A impossibilidade dos encontros, dos eventos sociais, dos espaços de lazer coletivo e de rituais, causa impacto significativo para saúde mental, provocando grande sofrimento psíquico (Brooks et al, 2020). Marcinko et al (2020) alertam para a necessidade de uma abordagem psicodinâmica otimizada para se aceitar o estresse psicológico de uma maneira mais positiva.

Ruiz, Arcaño e Pérez (2020) chamam a atenção para as especificidades da pandemia e para a necessidade de se compreender as relações entre as dimensões psicológica e social com

outras dimensões da pandemia. A expressão cênica pode ser usada para lidar com a crise, e Mindoljević e Radman (2020) recomendam que o psicodrama deve levar em conta cuidados para prevenção em relação ao protagonista, ao reviver o trauma, por meio da ativação de papéis novos e transformadores.

Do ponto de vista das atividades clínicas, os conselhos profissionais de medicina e psicologia regulamentaram temporariamente durante a pandemia a telemedicina e a psicoterapia à distância. No caso da prática psicodramática em geral, e do Teatro de Reprise em particular, foi necessário adaptar-se aos recursos tecnológicos de telepresença, *streaming* e outros recursos. Fleury (2020), em editorial da Revista Brasileira de Psicodrama, chama a atenção para aspectos importantes sobre o telepsicodrama como a necessidade de desenvolvimento de novas competências de comunicação e habilidades no uso de tecnologia; aspectos éticos como consentimento informado, segurança da informação e privacidade; e a necessidade de desenvolvimento de recursos para a dramatização.

O Teatro de Reprise (TR) é uma das formas de psicodrama (Rodrigues, 2016), e tem sido aplicado em ambiente corporativo, institucional e comunitário, tradicionalmente na modalidade presencial. Caracteriza-se fundamentalmente por colocar no palco cenas vividas por narradores voluntários que não atuam no palco, como os protagonistas clássicos do psicodrama, mas que têm a oportunidade de assistir a cena re-criada e ressignificada por uma equipe profissional permanente, formada por ego-atores e ego-músicos. O TR apresenta, portanto, desafios adicionais para realização de maneira “remota”, dadas as diferenças entre a linguagem teatral e a do vídeo. Além das dificuldades advindas da falta de recursos inerentes a esta linguagem do vídeo, tendo em vista que a intervenção é improvisada e a partir do “dar voz ao grupo de participantes”.

Diversos autores descrevem experiências de ensaio e de apresentação teatral em ambientes de telepresença. Gorman, Syrjä, e Kanninen (2019) relatam que criaram dois

espaços físicosidênticos visando dar a impressão de que os atores estavam no mesmo espaço. Relatam o uso de ferramentas digitais de apoio, tais como o Facebook para comunicação ágil, compartilhamento de material e reuniões virtuais, e Adobe Connect para criação de ambientes específicos de ensaio. Os autores chamam a atenção para a necessidade de desenvolver e experimentar alternativas sensoriais ao toque, que não está presente no trabalho em sua modalidade virtual. Kaiser, Ursu, Falelakis, e Horti (2015) apresentam o conceito de “teatro distribuído”, em que a ação ocorre em dois ou mais palcos, e consideram que para uma experiência verdadeiramente imersiva é essencial que se possa dinamicamente reenquadrar as câmeras e misturar os conteúdos.

Freeman (2019) descreve, em sua experiência com teatro em plataforma de streaming, que uma das dificuldades é que a plateia não se engaja tanto quanto se estivesse no mesmo espaço físico dos atores, como é no teatro presencial.

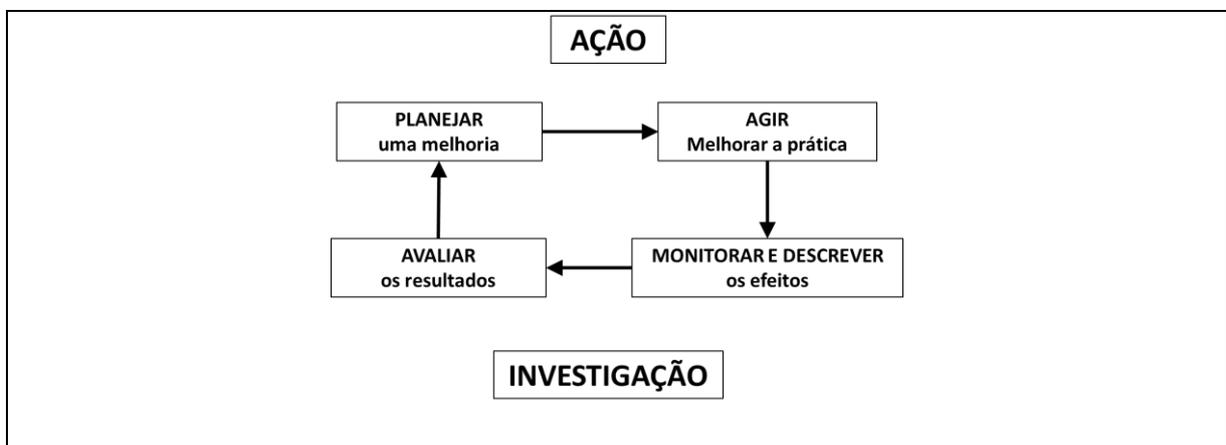
O objetivo deste trabalho é apresentar uma experiência de TR desenvolvido especificamente para o ambiente de telepresença. O artigo descreve, nas seções seguintes, o método utilizado como pesquisa para seu desenvolvimento, a experiência vivida pelo grupo na realização de uma intervenção de TR *online*, e discute os resultados, lições aprendidas e perspectivas.

## **MÉTODOS E TÉCNICAS**

### **1. Abordagem metodológica**

A pesquisa de novos métodos ou adaptações de métodos ou protocolos existentes se posiciona no âmbito da pesquisa aplicada, em que se busca encontrar soluções para problemas reais. Nas áreas de conhecimento ligadas às ciências sociais aplicadas a pesquisa-ação é um dos métodos de referência. Moreno, criador do psicodrama, foi precursor da pesquisa pela ação com o observador participante, que é parte integrante do pensamento e da postura

psicodramática. Segundo Tripp (2005), a pesquisa-ação se caracteriza por ser uma “... forma de investigação-ação que técnicas consagradas de pesquisa para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática...” (p. 447). O autor caracteriza a investigação-ação como um processo em que se aprimora a prática transitando entre o agir no campo da prática e o investigar a respeito da própria prática. O ciclo de aprimoramento é mostrado na Figura 1. A pesquisa-ação se diferencia de outros processos de investigação-ação porque tem como característica essencial a participação dos usuários daquilo que precisa ser melhorado como agentes da pesquisa, desde a definição de objetivos até as conclusões.



**Figura 1. Ciclo investigação-ação.**  
Adaptado de Tripp (2005)

A pesquisa-ação se caracteriza por uma intensa relação entre o pesquisador e o contexto social em que ocorre o problema, e mesmo pela imersão do pesquisador nesse contexto. Nesse sentido, o processo de desenvolvimento de um protocolo adaptado do Teatro de Reprise para o ambiente online, realizado por pesquisadores que são membros da trupe que faz essa adaptação, caracteriza-se como pesquisa-ação.

## 2. O contexto da pesquisa

O Grupo Improvise é uma trupe que pratica o Teatro de Reprise desde 2001. O grupo é formado por psicodramatistas, estudantes de psicodrama, atores e músicos. Frequentemente os componentes possuem formação variada, como psicologia, educação física, artes cênicas e

engenharia, o que traz uma riqueza de experiências e habilidades de formação. No momento em que se realizou este trabalho, o Grupo possuía 12 membros entre egoatores e egomúsicos, com vaiado tempo de experiência na linguagem.

Desde sua criação o grupo sempre praticou o Teatro de Reprise presencial, sem uso de grandes tecnologias, com algumas exceções. Para compartilhar, há exato um ano, foi feita uma experiência do Grupo *Improvise*, com Teatro de Reprise por rede social em tempo real, mas foi abandonada por falta de recursos técnicos e motivação. Assim como a maioria das pessoas e grupos, durante a pandemia da COVID 19, o Grupo teve que se reinventar e se viu desafiado a encontrar um meio de fazer o Teatro de Reprise em ambiente virtual.

O TR, como toda forma de psicodrama, segue os seus princípios, como as etapas rituais (aquecimento, dramatização, compartilhamento) e os princípios da espontaneidade.

Até o período da pandemia, a única plataforma usual de comunicação do grupo era o aplicativo Whatsapp. Mas o momento pediu o uso de mais tecnologia para que pudessemos continuar apresentando o TR.

Vários ensaios foram feitos para explorar os recursos tecnológicos da plataforma *zoom* – versão profissional, escolhida pelo grupo para a realização do TR *online*. Após estudos fechados no grupo da plataforma e da linguagem foram realizados dois ensaios abertos para convidados, e finalmente foram realizados dois eventos para plateias abertas.

O segundo evento foi para um grupo específico de usuários do projeto dos Psicodramas Públicos do Centro Cultural de São Paulo e alguns psicodramatistas. Há muitos anos esse grupo participa regularmente do projeto que acontece aos sábados, organizado voluntariamente por uma equipe de sustentação, composta de psicodramatistas. Com o advento da Covid-19, os eventos presenciais foram interrompidos. No entanto, os usuários desse projeto, que existe há 16 anos, se organizaram e escolheram uma plataforma e acionaram a equipe que organiza essa atividade para que retomassem *online* os encontros com

os usuários frequentes e outros convidados. Então a equipe organizadora realizou por 2 semanas seguidas psicodrama *online* e convidou o Grupo *Improvise* para a realização da terceira intervenção.

### 3. Passos metodológicos

O ciclo de investigação-ação foi “rodado” várias vezes ao longo do processo:

a) Planejamento: foram realizadas uma série de reuniões e ensaios preliminares, utilizando plataformas *zoom* e Google Meeting, com o objetivo de realizar testes iniciais. O diferencial pelo *zoom* foi a qualidade de imagem, por apresentar 25 participantes em uma mesma tela e por possibilitar separar os atores em sala independente. A Figura 2 mostra um exemplo de como os participantes aparecem na tela do aplicativo.



**Figura 2.** Exemplo de tela do aplicativo *zoom*

O pacote escolhido apresenta as seguintes ferramentas:

- Os participantes podem ligar/desligar seu próprio áudio e vídeo; e o “anfitrião” também tem acesso a esses comandos em todos os participantes;
- A possibilidade de separar os participantes em “salas”;
- Mensagens escritas em “chat”, tanto para todo o grupo quanto para participantes específicos;

- Levantar a mão para pedir a vez para se manifestar;
  - Recursos de “emoji”, tais como “bater palmas” e fazer “ok”;
  - Funciona em Windows e Android;
  - No Android aparecem no máximo 4 janelas – a própria pessoa e mais 3;
  - No computador aparecem até 25 janelas por tela;
  - O pacote contratado permite até 100 participantes;
  - Fazer enquete.
- b) Ensaios para convidados: Foram realizados dois ensaios para convidados: o primeiro com 2 e o segundo com 6 convidados. Cada ciclo de ensaio incluiu o planejamento, execução do ensaio, registro do resultado e análise da melhoria, seguindo o ciclo de investigação-ação. Registro por meio de gravação de resultado e análise da melhoria foram realizados imediatamente após os ensaios, usando a própria plataforma de comunicação.
- c) Sistematização do conhecimento: A cada ensaio e a cada intervenção o conhecimento gerado e as lições aprendidas foram compartilhadas entre os membros do Grupo, e é no presente artigo que o conhecimento é sistematizado criticamente.

## **UMA INTERVENÇÃO NA QUARENTENA**

Segundo Monteiro, Merengué e Brito (2006), Moreno foi o pioneiro no uso de transcrições integrais. Então passemos a ela.

A diretora do Grupo *Improvise* foi convidada por uma das organizadoras dos *Psicodrama Públicos* do Centro Cultural São Paulo (CCSP), Dra. Mariângela Wechsler, a se apresentar no dia 16/05/20 para os usuários desse projeto, no horário das 10h30 da manhã até 12h30. O trabalho foi realizado utilizando a modalidade de intervenção do *Teatro de Reprise*. O Grupo *Improvise* foi composto por uma diretora, um anfitrião/mediador (responsável pela coordenação técnica do trabalho e explicação do uso da plataforma para os participantes),

uma coanfitriã (responsável por responder e possibilitar o cuidado por meio do bate papo – chat), três ego-atores e dois ego-músicos.

Para a realização do trabalho, o Grupo *Improvise* fez apenas a exigência da utilização da sua conta na plataforma *zoom*, pela familiaridade adquirida nos ensaios e apresentação anterior.

O trabalho teve a participação de um público aproximado de 50 pessoas. E a intervenção iniciou com a organizadora do projeto apresentando a diretora e abrindo os trabalhos do dia. Em seguida, o anfitrião/mediador deu as orientações gerais sobre o uso da plataforma.

A diretora apresentou cada membro do Grupo *Improvise* e suas funções e convidou todos a escutar a música “Quando a chuva passar” (de Ramon Barreto Cruz, na voz de Ivete Sangalo), cantada a capela pela ego-música do grupo.

Após a música a diretora identificou uma participante que não conhecia psicodrama e deu explicações gerais sobre a intervenção. Após isso, solicitou que cada participante procurasse um objeto ou roupa em sua casa que expressasse suas emoções nessa quarentena e que, se preferisse, poderia durante a busca deixar a câmera fechada. Um breve tempo depois solicitou que todos fechassem a câmera e que só a abrissem as pessoas que estivessem de posse do objeto que expressasse sua determinada emoção. Então realizou um mapeamento sociométrico, categorizando possíveis emoções durante a pandemia relacionadas ou não com o objeto escolhido: emoções difíceis como medo, raiva, frustração; e a outra categoria emoções relacionadas a prazer, como descobertas, projetos novos etc. Depois disso, os participantes foram convidados a compartilhar suas emoções, um de cada vez, para que os egoatores realizassem esculturas fluídas que neste caso, por se tratar de uma intervenção *online*, foram seqüências fluidas (Rodrigues, 2016, p.133-135). As emoções expressas pelo grupo foram: ambivalências (Turbilhão de emoções); Saudade (dos amigos); Alegria

(Encontro com o Feminino); Resiliência (algo bom de transformação); Medo; Prazer; Conexão; Reflexão; Raiva x Carinho; Acolhimento x Rejeição; Potência x Impotência.

Na fase de mergulho no conflito foi realizada a fantasia dirigida (Rodrigues, 2016), na qual foi solicitado pela direção que ao fechar os olhos recordassem cenas do que estariam vivendo nesses tempos de pandemia ou que surgissem livremente. No ciclo de diálogo intercênico (Rodrigues, 2016, p. 143) a primeira cena foi de uma mulher que narrou que teve que interromper suas primeiras aulas de pandeiro, pelo qual estava se apaixonando, devido à pandemia. Ela se sentia roubada.

Durante a combinação da cena os egomúsicos cantaram inspirados na cena da narradora: A Rita (Chico Buarque) e Malandragem (Frejat / Cazuza).

Os egoatores realizaram a cena de modo que um egoator fazia a narradora. Foram 4 momentos: No primeiro apenas uma mão batucando no o pandeiro aparecia na segunda tela e a narradora dizia gostar, mas sem entusiasmo, Repetia uma segunda vez e a narradora gostava mais. Na terceira repetição, a narradora fica exaltada de feliz. Numa terceira tela, o terceiro egoator aparecia como um ladrão que, usando um capuz de esquiador e com movimento suspeito, “roubava o pandeiro” usando o movimento de “pegar algo” perto da câmera, fazendo com que o pandeiro sumisse da outra tela. A narradora terminava frustrada e fazia o discurso de se sentir roubada.

A segunda cena foi de um homem que narrou a cena de um sonho, no qual ele era uma pessoa pobre que estava passando fome e resolve, junto com outros, saquear a casa dos corruptos para pegar comida. Era então reprimido pela milícia desses corruptos. O que o fez recordar da juventude, quando também apanhavam do aparato policial da ditadura militar, em protestos às ruas.

Durante a combinação da cena os egomúsicos cantaram: Pra não dizer que não falei das flores (Geraldo Vandré) e Volte para o seu lar (Arnaldo Antunes). Uma das participantes

do grupo pediu permissão e compartilhou pelo *zoom* uma imagem de uma foto da paisagem de prédios tirada de sua janela naquele momento, enquanto os egomúsicos cantavam.

Para a realização da cena os egoatores se dividiram: um era ele atual, que iniciava a cena contando como havia feito há pouco, e congelava. Em seguida o outro, que era ele no sonho, falava da fome e da decisão de saquear, e congelava. O ele atual falava da lembrança da juventude, e congelava. O ele na passeata começava a fazer os gritos de protesto da época, e congelava. Em seguida os três, ao mesmo tempo, faziam movimentos em câmera lenta como se tivessem apanhando.

No compartilhar as pessoas elogiaram muito o trabalho e referiram terem sido afetadas, mesmo com a distância e intermediado pelo recurso tecnológico. O que trouxe o tema da saudade dos amigos na escultura fluida compartilhou alívio. Uma das narradoras do pandeiro compartilhou o privilégio de ter casa e poder fazer a quarentena com certa tranquilidade e o privilégio de ter estado no evento. A pessoa que convidou o grupo fez um lindo texto com trechos das músicas tocadas no evento, se dizendo emocionada. Vários participantes marcaram que tinham certo preconceito de coisas feitas *online* e que se surpreenderam com a possibilidade da emoção que sentiram. Outros comentaram que aprenderam sobre a plataforma. Um dos participantes leu um texto chamado *Felicidade Clandestina*, da Clarice Lispector. A diretora disse que havia separado um texto que acabou não usando que combinava com este: *José*, de Carlos Drummond de Andrade. E leu a primeira estrofe. Alguém mencionou o trecho de uma música: Vocês me prendem vivo e eu escapo morto! (trecho de “Pesadelo”, de Maurício Gomes e Paulo Cesar Pinheiro).

## **REFLEXÕES SOBRE A INTERVENÇÃO**

*A coleta de dados se desenrola como uma ação conjunta, promovendo a espontaneidade e a criatividade dos envolvidos, dentro de um acordo constantemente negociado sobre as formas de expressão do pesquisado e do pesquisador. Brito (Monteiro, Merengué e Brito p. 47)*

Um dos destaques dessa intervenção foi o chamamento dos usuários assíduos do CCSP para que esse projeto, já reconhecido internacionalmente (Wechsler & Monteiro, 2014), fosse retomado. A comunidade psicodramática paulistana conta com um grupo de sustentação voluntária, do qual uma das autoras participou por 15 anos, na organização desses encontros, que dá “voz” e vez para muitas pessoas que não encontram na cidade oportunidade de serem sequer vistas, quanto mais ouvidas pela sociedade. Um trabalho de cidadania dos mais exitosos do psicodrama brasileiro que mostra que fincou raízes por meio de seus usuários.

Quanto à intervenção em si, o aquecimento vincular com foco na plateia (Rodrigues, 2016, p. 117) contou em seu início com instruções técnicas no uso da plataforma, o que pareceu facilitar grandemente o uso dos participantes durante o todo o processo. Além da apresentação entusiasmada da organizadora do projeto. Alguns na fase final de compartilhamento espontaneamente comentaram que tinham preconceito contra psicodrama ou ações desse tipo *online* e que aprenderam muito e ficaram mais íntimos dessas tecnologias. Os estudos que fizemos, mencionados acima na metodologia, para entender e dominar os recursos da plataforma possibilitaram ao anfitrião/mediador transmitir segurança e facilidade aos participantes em linguagem simples e direta. Houve um comentário posterior de que esta etapa acolheu e ajudou a aquecer para o trabalho.

As adaptações do TR que o Grupo *Improvise* realizaram para a linguagem *online* resultaram em facilidade para os participantes, assim como para a própria equipe de trabalho, que não encontraram obstáculos importantes para ver e ouvir tudo que se passava na intervenção. E os anfitriões técnicos cuidavam daqueles cuja internet caía ou precisavam de ajuda, ou mesmo os que não desligavam o microfone ou o vídeo quando era preciso, para que todos assistissem da melhor forma. Um ganho grupal significativo, na perspectiva

psicodramática, assim como na perspectiva cidadã. Ou seja, alguns dos participantes tinham sim um estranhamento com a tecnologia, porém reduzido ao mínimo para que pudessem se entregar ao processo não racional do tema, isto é, de como estávamos vivendo esse momento de quarentena.

Notamos que a fluência para que a emoção do grupo de participantes ocorresse, que era truncada no início de nossas experiências de ensaios com o uso da plataforma, nesse momento da intervenção adquiriu potência e ritmo, afetando a muitos em vários momentos. Isso promoveu na intervenção, mais adiante, instantes plenos de campo intensivo focado, o que Féo chama de instantes protagônicos (2009, p.94). Foi o resultado de um aquecimento eficiente em seu início e manutenção por parte da equipe e do estabelecimento de um contrato coconsciente (CCS) claro, criando possibilidades de um coinconsciente (CICS) favorável ao trabalho. Esse CICS já existia no Grupo Improvise e em parte do grupo de participantes, mas foi mobilizado para os objetivos comuns do dia, adensando o caldo de comunicações grupais, que é desejado nesse tipo de intervenção. Lembrando que aí se dá um contágio, já definido por Rodrigues (2016, p. 183), do CICS da equipe permanente de trabalho e dos grupos pré-existentes, que se adensam para criar um campo de forças para o surgimento dos conflitos em comum do grupo, sem qualquer racionalidade. No caso, a quarentena e a vida cotidiana abalada e transformada para algo disruptivo, com aspectos considerados bons ou maus conforme cada um dos participantes. A criação de um campo télico, ou seja, de saúde, é o objetivo sempre.

Os objetos trazidos pelos participantes expressando suas emoções difíceis ou prazerosas foram curiosos. Esses objetos foram: quadros simbolizando o privilégio de terem casa e poderem ter conforto que outros não têm; cristais preciosos mostrando entusiasmo de estar junto; também surgiu uma estátua simbolizando a descoberta do feminino e da boa companhia de si mesma nesse momento de reclusão e solidão de uma mulher.

As emoções relatadas pelas pessoas no aquecimento dramatúrgico da plateia, na fase descristalizadora, por meio das esculturas fluidas (primeiras ressonâncias estética), falam especificamente de como se sentem em relação à pandemia, não aparecendo o assunto da tecnologia. Ou seja, o grupo de participantes só contou de turbilhão de emoções, de medo, prazer, reflexão, contato consigo mesmo, raiva de arbitrariedades e violência, potência, impotência, rejeição e acolhimento, além da saudade de ver os amigos. Esta última foi referida ao final da intervenção como um alívio por ter encontrado com amigos naquele *setting*. Lembrar que vários desses participantes se conhecem e, quando os psicodramas públicos ocorrem, alguns se encontram todas as semanas.

Esse sociodrama na modalidade TR conseguiu, mesmo com as barreiras tecnológicas e da falta de intimidade com essa linguagem de alguns, atingir um ritual iniciático de encontro com o conflito comum semelhante ao que costumamos atingir, enquanto equipe, nas intervenções presenciais.

A primeira cena surgida na etapa de ação dramática, também o mesmo conflito, nos contou de uma grande frustração da narradora de um projeto, que estava no início, mas que já despertava uma grande paixão: a aula de pandeiro. Ela foi bruscamente interrompida pela quarentena, assim como muitos projetos dos presentes que, apesar de necessária, nos isolou, impossibilitando continuar vivendo como vivíamos. Algo simples, como aprender um instrumento e ter autonomia sobre sua vida e seus projetos. O pandeiro era emprestado e precisou devolver. Simples assim. E não podia sair para comprar outro pandeiro pois não há pandeiros para vender. Não há como seguir vivendo projetos novos ou plenos. Toda a vida de todo o planeta em suspenso e a de cada um com suas especificidades.

A segunda cena no diálogo intercênico “conversa” com essa dor e destaca muita revolta e raiva tornando o sonhador/narrador um ativista que busca justiça quebrando sua própria ética, tal o teor do sofrimento. Ele se recorda de passeatas contra tempos de exceção,

como os da ditadura militar, em que arbitrariedades e violência foram cometidas com o propósito de reprimir nossa “voz”.

O clima da nossa intervenção, no entanto, era de liberdade para se expressar o que se quisesse, a ponto de uma participante, durante a combinação dos atores em outra sala, ter proposto colocar pelo *zoom* sua foto, logo no início da música. Da janela de sua quarentena, os prédios e a beleza da paisagem, era o que queria compartilhar. Ou seja, certo bem estar que estava sentindo durante o trabalho e a quarentena.

A cada espelho ressonante (Rodrigues, 2016, p.103) realizado pelos egoatores num palco recriado virtualmente, em que cada ator está isolado em outro ambiente do colega de Grupo, o clima de forte emoção era realinhado com os participantes, intensificando o campo protagônico já referido. Notar que os egoatores ficaram por algum tempo em outra sala virtual combinando as cenas, completamente separados do que continuava acontecendo na intervenção e, portanto, com um corte em seu fluxo do coletivo geral. Eles ficaram sem ouvir as músicas, que normalmente nesse trabalho estão ao fundo, assim como a plateia não viu os egoatores combinando as cenas e se vestindo com fantasias e adereços cênicos.

O uso da música foi o nosso maior desafio nesse formato, pois a plataforma não é propícia para arte e sim para palestras. As limitações quanto ao atraso de transmissão de som e de qualidade de som levaram a uma dinâmica diferente no uso da música no evento. Por um lado, a música deixou de ser um apoio à cena, na medida em que estava ausente nas esculturas fluidas e durante a encenação propriamente dita. Por outro lado, para além da prática usual das apresentações presenciais, forçou a explorar e utilizar possibilidades que o grupo não usava, ou usava pouco. Entre elas, o cantar *a capella*, a declamação de textos das músicas como se fosse um poema, o uso de *playback* ao invés de acompanhamento de instrumentos “ao vivo”. Por outro, dá à música um papel diferente, menos estético na medida em que não participa das etapas “cênicas”, mas dá uma nova força e novas possibilidades como elemento

aglutinador e de ligação entre etapas da atividade. Essas adaptações não representam necessariamente perdas, mas sim flexibilizações necessárias e criativas para um novo contexto. E, ao final, conseguimos um resultado muito satisfatório, tanto que a organizadora do projeto compartilhou ao final um texto, que produziu durante o evento, com parte das letras das músicas:

*DA PRIMEIRA CENA*

*A Rita levou*

*A ação cultural levou o próprio CCSP*

*O Covid-19 levou a saúde*

*O presidente levou a civilidade*

*As relações entraram na Barbárie*

*Mas não ficamos mudos*

*Nunca mais*

*Estamos aqui – VIVOS*

*DA SEGUNDA CENA*

*A fala é uma*

*A ação é outra*

*SER E AÇÃO*

*Aí a contradição*

*Quais os princípios que regem a civilidade? Os vínculos?*

*Somos todos iguais, braços dados ou não... Não sorrimos à toa*

*Estamos fazendo a hora?*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Vencendo preconceitos, descobrem-se novas possibilidades. Abrindo-se para o novo, houve aqui o aumento do alcance dos grupos ao poder atuar e atender públicos de outras localizações geográficas, sem as amarras do custo e das dificuldades logísticas. Abrem-se também possibilidades novas de atingir grupos formados por pessoas localizadas em pontos diferentes do globo. E há a possibilidade de formação de grupos com sociometrias diferentes, uma vez que a própria relação entre as pessoas têm naturezas e vivências diversas.

Possibilitar o encontro socionômico por meio da tecnologia e do TR, de forma sensível, estética e cuidadosa pode, como vimos, ser um dispositivo importante no cuidado da Saúde Mental durante a quarentena. A intervenção psicodramática, em especial o TR, pode promover que cada um visitasse o outro a partir da sua janela virtual e revivesse, junto com um grupo, cenas suas que podem ser protagônicas do mundo ou apenas desse grupo particular. E mesmo que seja só desse grupo, parece ter feito diferença para algumas pessoas,

que agradeceram o momento de pausa para estar junto e ainda individualmente sendo representados.

Ao superar as barreiras geográficas da distância física e barreiras psíquicas do distanciamento social, as intervenções podem, como se deu nessa em particular, avivar a noção de pertencimento, de identificações e de coletivo durante uma pandemia. Cada um pode se sentir parecido em momentos como esse de sofrimento mundial, a ponto de não se sentir enlouquecendo em sua solidão ou no seio familiar de exclusiva convivência, às vezes tão difícil. Isso pode ser considerado saúde, o pertencer!

O TR tem como uma de propostas buscar a sensação de pertencimento. E isso conseguimos atingir também *online*, como temos feito ao longo desses 18 anos de experiência com grupos variados em instituições, empresas, órgãos públicos etc. E assim percebemos que esse tipo de intervenção de TR, desenvolvido dentro do momento necessário de afastamento social atual, pode ser um instrumento importante nas relações entre grupos corporativos e institucionais, com menor custo e maior abrangência geográfica.

Também abre possibilidade para trabalhos nesse formato com profissionais que se encontram em *Home office* ou com profissionais de saúde, sofrendo por estar à frente do medo, contágio e alto estresse nas decisões e ações numa crise como a que ainda estamos vivendo.

Uma curiosidade: Coincidências nessa modalidade de sociopsicodrama costumam ocorrer, de maneira mágica principalmente durante a intervenção. Algo que o narrador não disse e os atores colocam em cena. Mas parece que fomos além. Apenas duas semanas depois da intervenção, um confronto com violência semelhante, reprimido pela polícia, se deu na Avenida Paulista. Uma antevisão desse sonhador ou uma captação desse clima inconsciente?

## REFERÊNCIAS

- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: Rapid review of the evidence. *The Lancet*, 395, 912-920. [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)
- Féo, M. S. (2009) – Direção sacionômica multidimensional AGRUPPAA e a fé tácita no eterno retorno. In: *Revista Brasileira de Psicodrama*, v.17, n.1, p.87-104.
- Fleury, H. J. (2020). Psicodrama e as especificidades da psicoterapia on-line. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 28(1), 1-4.
- Freeman, D. (2019). Distributed Embodiment Across Time and Space: Escape Character's Ongoing Work on Creating Telepresence Participatory Experiences in Sparasso. *Canadian Theatre Review*, 178(1).
- Gorman, T., Syrjä, T., & Kanninen, M. (2019). There is a world elsewhere: rehearsing and training through immersive telepresence. *Theatre, Dance and Performance Training*, 10(2), 208-226.
- Kaiser, R., Ursu, M. F., Falelakis, M., & Horti, A. (2015, October). Enabling distributed theatre performances through multi-camera telepresence: Capturing system behaviour in a script-based approach. In *Proceedings of the 3rd International Workshop on Immersive Media Experiences* (pp. 21-26).
- Marcinko, D., Jakovljević, M., Jakšić, N., Bjedov, S., & Mindoljević Drakulić, A. (2020). The importance of psychodynamic approach during COVID-19 pandemic. *Psychiatria Danubina*, 32(1), 15-21.
- Mindoljević Drakulić, A., & Radman, V. (2020). Crisis psychodrama in the era of COVID-19. *Psychiatria Danubina*, 32(1), 22-24.

Monteiro, A., Merengué, D., Brito, V. (2006). *Pesquisa qualitativa e psicodrama*. São Paulo: Ágora.

Rodrigues, R. (2016). *Teatro de Reprise: Improvisando com e para grupos*. São Paulo: Ágora.

Ruiz, A. L., Arcaño, K. D., & Pérez, D. Z. (2020). La psicología como ciencia en el afrontamiento a la COVID-19: apuntes generales. *Anales de la Academia de Ciencias de Cuba*, 10(2).

Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e pesquisa*, 31(3), 443-466. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>

Wechsler, M.P.F., & Monteiro, R. F.(org.) (2014). *Psicodrama em espaços públicos. Práticas e reflexões*. SãoPaulo: Ágora.

### **Contribuições de autoria**

- Concepção do estudo: Janaína Cristina Barêa, Rosane Rodrigues, Eduardo Tessari Coutinho, Alexandre de Oliveira e Aguiar
- Pesquisa de referências bibliográficas: Janaína Cristina Barêa, Rosane Rodrigues, Eduardo Tessari Coutinho, Alexandre de Oliveira e Aguiar
- Descrição do método: Janaína Cristina Barêa, Rosane Rodrigues, Eduardo Tessari Coutinho, Alexandre de Oliveira e Aguiar
- Registro de informações de intervenção: Janaína Cristina Barêa, Rosane Rodrigues, Eduardo Tessari Coutinho, Alexandre de Oliveira e Aguiar
- Discussão e conclusões: Janaína Cristina Barêa, Rosane Rodrigues, Eduardo Tessari Coutinho, Alexandre de Oliveira e Aguiar
- Revisão final: Rosane Rodrigues, Eduardo Tessari Coutinho, Janaína Cristina Barêa, Alexandre de Oliveira e Aguiar